



n.4, jul-dez, 2014

Literaturas Africanas e
Afro-brasileira

O jogo do texto em João Vêncio: os seus amores, de Luandino Vieira

O presente trabalho analisa o jogo enunciativo presente no romance *João Vêncio: os seus amores* (1987), do escritor angolano Luandino Vieira. No texto, João Vêncio, personagem central e narrador, conta as suas aventuras e desventuras para o muadié, seu companheiro de cela. Em um relato feito com muita astúcia, João Vêncio fala dos seus vários amores que estão distribuídos nas pontas de sua estrela de três pontas. A história conduzida por João Vêncio se constitui como uma espécie de jogo, em que participam dois jogadores, o narrador e o narratário. No entanto, mesmo que haja uma ilusão de que ambos os jogadores conduzam o jogo juntos, é o narrador quem determina as regras.

Palavras-chave: Literatura Angolana; Luandino Vieira; Narrador; Enunciação.

Franciane
Conceição da
Silva

Discente do Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC Minas e bolsista CAPES.

No romance *João Vêncio: os seus amores* (1987), do escritor angolano Luandino Vieira, João Vêncio, personagem central e narrador, conta as suas aventuras e desventuras para o muadié¹, seu companheiro de cela. Em um relato feito com muita astúcia, João Vêncio fala dos seus vários amores que estão distribuídos nas pontas de sua estrela de três pontas. Esses amores são: Mâistrêla, a filha do vizinho cabo-verdiano e primeira ponta da estrela; a menina-órfã, Tila, “a segunda ponta da estrela-de-três, que é também a primeira” (VIEIRA, 1987, p. 32); e o seu amigo Mimi, que é “a terceira ponta da estrela” (VIEIRA, 1987, p.20) e o grande amor da sua vida. Nas palavras do narrador, Mimi “é a mais inútil de minha vida. Xamavíssimo amigo”. (VIEIRA, 1987, p. 37). Além de Mâistrêla, a menina Tila e Mimi, os três amores que formam a estrela de três pontas, João Vêncio teve outro grande amor, a meretriz Florinha, o centro da estrela.

Além desses quatro amores, vividos na infância, João Vêncio fala de um dos seus amores da vida adulta, Biju Supimpa, a “baronesa”. No entanto, Biju Supimpa não é um amor como os outros, “eu nunca mais que amei ninguém depois da estrela da manhã de três pontas. Minha bailundinha é um caso às partes” (VIEIRA, 1987, p. 39). João Vêncio declara-se um escravo dos seus afetos, todos os seus atos, mesmo os considerados mais terríveis, são justificados pelo seu excesso de amor. E é por causa de um dos seus amores que o narrador-personagem vai para a prisão. Ao flagrar Biju Supimpa com outro homem, “o macaco quipanzéu” (VIEIRA, 1987, p.18), João Vêncio tenta matá-la, e acaba sendo preso por “tentativa de homicídio frustrado” (VIEIRA, 1987, p.17).

João Vêncio: os seus amores é uma narrativa cheias de idas e vindas. João Vêncio rememora as suas vivências desde a sua mais tenra infância, quando tinha oito anos de idade, até a vida adulta. Assim, temos uma narrativa em que vários fios se encontram, formando um verdadeiro novelo. Por isso, para compreender a saga de Juvêncio, o leitor necessita de muita atenção, pois, caso se

¹ Muadié significa senhor, em quimbundo, uma das muitas línguas faladas em Moçambique.

distraia, pode acabar se perdendo entre os muitos fios do engenhoso enredo.

O romance *João Vêncio: os seus amores* é iniciado com um travessão. Isso ocorre porque o muadié, interlocutor de João Vêncio, havia lhe feito uma pergunta:

- Este muadié tem cada pergunta!... Porquê eu ando na quionga?... Meus amores, meus azares, miondona... Minhas vadiices, rambóias de quilapanga. E vosoutro? A - mu-kuta... Aprendi com o senhor sô padre Vieira este truco de responder pergunta. Simpatizo-me com o muadié, sua questão não me ofende. [...] Eu queria pôr para o senhoro minhas alíneas. Necessito sua água, minha sede é ignorância. (VIEIRA, 1987, p. 13).

Como podemos ver, no fragmento em destaque, a resposta de João Vêncio ao muadié demarca o início da narrativa. Porém, só sabemos da pergunta que foi feita pelo interlocutor porque João Vêncio a repete. A fala do narratário é assim reproduzida através do narrador. Isso ocorre durante toda a história. Em nenhum momento da narrativa ouvimos a voz do muadié em um discurso direto, só sabemos das coisas que foram faladas por ele, porque o narrador-personagem sempre repete as suas falas. Assim, toda a versão da história é contada a partir do ponto de vista de João Vêncio, que determina os rumos da narrativa e conduz o leitor pelos caminhos que mais lhe convêm.

No entanto, é importante destacar que mesmo que não tenhamos um discurso direto do narratário, a história só se desenvolve a partir da pergunta que ele faz ao narrador. Dessa forma, mesmo que a voz do interlocutor só apareça através do enunciador, temos uma relação direta entre aquele que enuncia e o outro que escuta. Ao responder a pergunta do muadié, João Vêncio diz estar sedento, mas, ao contar a sua história poderá ter a sede saciada, a atenção do interlocutor é a água que ele precisa. Assim, ambos os personagens tornam-se fundamentais para o desenvolvimento da narrativa. De acordo com Benveniste (2006, p.87),

Como forma de discurso, a enunciação coloca duas “figuras” igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação. É a estrutura do diálogo. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação.

Nessa medida, consciente de que o desenvolvimento da sua narrativa necessita de um parceiro-ouvinte, João Vêncio estabelece uma espécie de pacto com o interlocutor, utilizando-se da imagem de um colar de missangas como representativa dessa relação:

Tem a quianda, tem a missanga. Veja: solta, mistura-se; não posso arrumar a beleza que eu queria. Por isso aceito sua ajuda. Acamaradamos. Dou o fio, o camarada companheiro dá a missanga-adiantamos fazer nosso colar de cores amigadas. Eu acho beleza é em libelo, alíneas em fila, com número e letra, nada de confusões de macas, falar de gentio à toa. Por isso pergunto depoimento de muadié: vida de pessoa não é assim a missanga sem seu fio dela, misturada na quindinha dos dias? (VIEIRA, 1987, p. 13 - 14).

Podemos comparar o processo de feitura do colar de missangas ao processo de construção da própria história. Dessa forma, o fio do colar seria uma representação do narrador, as missangas seriam uma analogia ao narratário. O narrador dá o fio, o narratário coloca as missangas e assim constroem o colar, ou seja, a narrativa em si. Além disso, cabe ressaltar que a confecção de um colar de missangas é um trabalho artesanal, em que se faz necessário atentar-se aos detalhes, quanto mais minucioso o trabalho, mais bonito o colar fica. O mesmo ocorre com o processo de criação literária, quanto mais o autor se atenta aos detalhes, maior a possibilidade da sua obra apresentar uma boa qualidade estética e estilística.

No decorrer da sua narrativa muito bem elaborada, João Vêncio se apresenta como um homem astuto e corajoso, porém, uma única coisa o amedronta: ficar só. O medo da solidão

aterroriza João Vêncio e ele fala ao muadié sobre esse fantasma que o atormenta: “Gosto de ser vizinho de senhora morte quiatumbandala, o que eu tenho medo no mundo, é só ficar só, disso confesso. Com morto eu me dou bem” (VIEIRA, 1987, p. 36). Em outros momentos da história, João Vêncio volta a falar sobre a sua maior inimiga:

Com morte eu dou-me bem, afirmei e não regresso. A senhora tumbandala não me assusta. O meu medo só é o que o senhoro bem sabe - voz, cara e alma de gente não encontrar, o deserto desumano, solidão de sozinho. Eu chego dormir de luz acesa para fingir sol em meu quarto. (VIEIRA, 1987, p. 84).

Além do medo da solidão, João Vêncio revela outra particularidade de sua personalidade fugidia, Vêncio se declara um grande apaixonado por mudanças. Essa sua paixão lhe acompanha desde a infância, quando começou a trocar de amores. Ao tornar-se adulto, o seu apego por mudanças tornou-se ainda mais forte, e dentre as muitas trocas que já fez, destacam-se as suas mudanças de nomes:

Juvêncio - com u, xié ngana. João Vêncio, também - e outros... João Capitão, aliás, Francisco do Espírito Santo, aliás... O doutoro juiz chama-me é o <Aliás>. [...] Eu gosto muito de mudar de nome. Eu penso que gosto é de mudar a vida. Eu não posso viver muito tempo na mesma casa, na mesma rua, no mesmo sítio. Sempre mudo o meu quarto de dormir - cacimbo e chuva. Sempre mudo as mobílias na casa. Uso e desuso bigode. Mulher também. [...] E mudo a cor do cabelo [...] - mas nunca faço mudança sem acabar um serviço. [...] A vida é muito incompleta. Eu, se pudesse, era minha cruzada: cada dia, cada via; cada vida, cada lida. Gostava era inda ser outro novo cada vez. (VIEIRA, 1987, p.39-40).

Como podemos verificar no fragmento acima, João Vêncio é um amante assumido das mudanças. No decorrer do romance, ele nos revela outra paixão: o teatro.

Gosto muito de teatro, muadié. Eu nunca vi, a sério. [...] Teatro, muadié? É o paraíso depois do juiz final, dizia o meu pai de tudo quanto era bonito e difícil para se arranjar. (VIEIRA, 1987, p. 66).

Durante toda a narrativa, João Vêncio faz uma performance, encena para o muadié na tentativa de convencê-lo de que não é culpado pelos crimes que cometeu. Seu discurso, no entanto, é cheio de contradição. Acusado de ser herege, sádico, sexopata, o narrador tenta justificar as suas ações para o interlocutor: “O sádico, o herejes, sou eu? Malembe-malembe, muadié: os casos só, não falavam a verdade; é preciso as ideias”. (VIEIRA, 1987, p. 29). No decorrer do seu discurso, Vêncio volta a protestar contra as acusações: “doutoro juiz, delegado e outros maiores de leis, eles só vêm a linha recta, não sabem a porta estreita” (VIEIRA, 1987, p. 48).

Ao analisarmos o discurso de João Vêncio, podemos perceber que ele é um homem de personalidade fugidia, isso leva o leitor a desconfiar da veracidade das histórias narradas por ele. Pois, se João Vêncio gosta tanto de mudanças e de teatro, nada o impede de estar agindo como um ator. Desse modo, não é absurdo pensar que toda a história contada por João Vêncio seja uma grande invenção.

Numa leitura possível, podemos pensar que João Vêncio, esse narrador que tem tanto medo da solidão e que se diz apaixonado por teatro, talvez tenha inventado o seu ouvinte. Nesse sentido, o muadié pode ser uma invenção do narrador, que, com medo de ser consumido pela solidão da cela, fantasia esse personagem para não se sentir só. Essa suspeita torna-se ainda mais forte quando analisamos a quantidade de vezes em que João Vêncio evoca o seu interlocutor. Em uma narrativa de oitenta e nove páginas, a palavra “muadié”, a qual o narrador utiliza para chamar a atenção do seu suposto ouvinte, é utilizada por mais de 80 vezes.

Essa insistência em utilizar uma expressão que demarca a presença do narratário no espaço em que acontece a ação, talvez implique a ausência desse. E na tentativa de manter a ilusão de sua presença, o narrador o interpela diversas vezes. Ao fazer isso, não apenas mantém a presença-ausente do seu interlocutor, como faz com que o leitor também acredite na presença desse.

Desse modo, é possível dizer que a narrativa de João Vêncio constitui-se como um jogo que tem como participantes o narrador-personagem e o narratário, que seria uma espécie de representação do leitor empírico. No entanto, há que se dizer que as coordenadas do jogo são dadas por João Vêncio, que encontra no muadié um ouvinte-jogador ideal. Essa relação harmônica entre locutor e interlocutor pode ser confirmada com trechos da narrativa: “O muadié é a água da minha sanga” (VIEIRA, 1987, p. 17). E ainda: “Ah! O muadié topou? E adivinha? O senhor é a minha felicidade” (VIEIRA, 1987, p. 23). E mais adiante: “O muadié é minha sombra de mandioca - refresca-me seu xaxualho de cabeça” (VIEIRA, 1987, p. 39).

Os fragmentos do texto destacados nos mostram que o narratário se constitui como um ouvinte perfeito: João Vêncio conta e o muadié ouve. No entanto, o muadié não escuta apenas, ele opina quando tem um juízo formado e silencia quando não tem o que dizer ou quando não tem um julgamento adequado a respeito de alguma questão: “O senhor não diz nada? Nadinha? Palavra, muadié, não lisonjo: eu gosto de suas poses, apreço, gostava de ser assim. Que não fala do que não sabe - isso é a sabedoria sages” (VIEIRA, 1987, p. 72). Esse comportamento do narratário, que faz o jogo do narrador, deixando-o conduzir as jogadas, se assemelha ao comportamento do leitor ideal de Iser que, de acordo com Antoine Compagnon, se mostra como “um espírito aberto, liberal, generoso, disposto a fazer o jogo do texto (COMPAGNON, 2001, p. 154).

Inicialmente, quando avaliamos a imagem do colar de missangas, em que o fio sugere um narrador e as missangas um narratário, a ideia que nos vem à cabeça é de que a condução do texto é feita pelo par narrador e narratário. No entanto, quando

analisamos a narrativa com um olhar mais minucioso, observarmos que essa imagem pode ser questionada. Pois, mesmo que o narratário seja um elemento importante na construção do enredo, é o narrador quem determina as regras do jogo. Nesse sentido, é possível afirmar que:

O jogo do texto, portanto, é uma *performance* para um suposto auditório e, como tal, não é idêntico a um jogo cumprido na vida comum, mas, na verdade, um jogo que encena para o leitor, a quem é dado um papel que o habilita a realizar o cenário apresentado. O jogo encenado do texto não se desdobra, portanto, como um espetáculo que o leitor meramente observa, mas é tanto um evento em processo como um acontecimento para o leitor, provocando seu envolvimento direto nos procedimentos e na encenação. (ISER, 2002, p. 116).

De acordo com o fragmento destacado, no jogo do texto o leitor não se comporta como um mero espectador, mas como alguém que participa diretamente da encenação. No entanto, ao analisarmos o romance *João Vêncio: os seus amores*, podemos observar que mesmo que o leitor tenha uma suposta liberdade de decidir sobre os caminhos do texto, todas as coordenadas são dadas pelo narrador. Isso pode ser comprovado com o seguinte trecho da narrativa: “O sádico, o herejes sou eu. Que mão me dá sapiência de cabelo branco em cabeça de monauisso? O muadié está agora no kibiri-kibinji²! Arrasca!... Eu dou o cão – vamos na mata”. (VIEIRA, 1987, p. 28). No excerto destacado, ao perceber que o muadié está na dúvida a respeito da sua narrativa, pois não sabe se, ele, João Vêncio, é mesmo um sádico, hereges, ou se tudo não passa de invenção, Vêncio determina “eu dou o cão – vamos na mata”, desse modo, deixa claro que se o muadié está perdido, ele dará o cão, ou seja, é ele quem determinará as coordenadas para que o narratário encontre o caminho.

² Kibiri-kibinji significa dilema, em quimbundo.

No decorrer da narrativa, João Vêncio dá outros sinais de que mesmo que o narratário, figura representativa do leitor, participe de todas as jogadas, é o narrador quem domina o jogo. Podemos exemplificar essa afirmativa com mais um trecho do romance: “O senhoro é que informa, aceito. Mas duvido” (VIEIRA, 1987, p. 43). O trecho em evidência nos mostra que no momento em que o narratário tenta assumir a condução do jogo, dando uma informação ao narrador, João Vêncio não aceita a intervenção feita, ou melhor, aceita, mas duvida. Pois, sendo o dono do jogo, é ele quem toma as decisões e determina todas as regras, inclusive, o momento em que o seu interlocutor se tornará apto para julgá-lo: “Agora o muadié está apurado para o meu juiz” (VIEIRA, 1987, p. 49).

Mesmo conduzindo a narrativa à sua maneira, sem dar muito espaço ao narratário, em alguns momentos, João Vêncio utiliza um discurso que passa a ideia de que o jogo está aberto e de que ambos conduzem a história juntos. Isso acontece quando usa a metáfora do colar de missangas, sobre a qual já falamos e, mais adiante, depois de concluir que o muadié já está preparado para ser o seu juiz. João Vêncio, então, mais uma vez, utiliza uma metáfora para tentar convencer o narratário e também ao leitor de que ambos participam diretamente da condução da narrativa. O excerto que segue comprova essa afirmativa: “Com o muadié eu estou na mata, usamos o mesmo cachorro, camaradas companheiros. O senhoro tem um coração de monandengue, seus cabelos adiantaram, é a prova digital...” (VIEIRA, 1987, p. 52).

Assim, em toda a narrativa, João Vêncio vai jogando com o seu interlocutor. Vai encenando um espetáculo em que ele é o ator principal. Configurando-se como um exímio contador de histórias, Vêncio consegue entreter o seu interlocutor, fazendo com que esse tenha a ilusão de que tem o controle do desenrolar dos acontecimentos, quando, na verdade, é a todo tempo “manipulado” pelo narrador, que define os caminhos que a história deve tomar e indica as trilhas que o interlocutor deve seguir. Nesse caminho pelos bosques da narrativa, narrador e narratário podem até dividir o mesmo cachorro, no entanto, é o

narrador-personagem quem conduz o animal pela coleira. Dessa forma, podemos afirmar que

A liberdade concedida ao leitor está na verdade restrita aos pontos de indeterminação do texto, entre os lugares plenos que o autor determinou. Assim, o autor continua, apesar da aparência, dono efetivo do jogo: ele continua a determinar o que é determinado e o que não é. (COMPAGNON, 2001, p. 155).

Conforme já dissemos, *João Vêncio: os seus amores* é um romance que parte de um diálogo, porém ouvimos apenas uma voz. O muadié, narratário, faz os questionamentos e a sua fala é reproduzida pela voz do narrador. Nesse diálogo com o muadié, João Vêncio responde às suas perguntas, mas também lhe faz muitos questionamentos, que nunca são respondidos pelo interlocutor, pois, o próprio narrador responde. Mesmo que o muadié não responda as perguntas de João Vêncio, essas questões são muito importantes para chamar a atenção do leitor, porque a cada vez que João Vêncio chama a atenção do muadié, é como se tivesse chamando a atenção do próprio leitor: “Por isso pergunto depoimento do muadié: vida de pessoa não é assim a missanga sem seu fio dela, misturada na quindinha dos dias?” (VIEIRA, 1987, p. 14).

Nessa medida, ao questionar o muadié, é como se João Vêncio quisesse fazer com que o leitor reflita sobre a história que está sendo contada. E ao estimular o leitor a refletir sobre as ações cometidas por ele, algumas que podem ser consideradas bem cruéis, como ter furado os olhos dos pássaros com agulhas, João Vêncio talvez queira mostrar que nem tudo é o que parece. Preso por tentativa de homicídio, ele tenta mostrar que tudo não passa de um exagero da justiça: “Tentativa de homicídio frustrado – o muadié é a água de minha sanga. Porquê mais palavras feias na justiça são mais, no amor são menores?” (VIEIRA, 1987, p. 17). Contudo, algumas vezes, é o muadié quem faz as perguntas que obrigam o narrador a refletir sobre os seus atos: “A dor purifica a beleza? Muadié, tem cada pergunta! Solte meus passarinhos, não

crece outra vez o capim rôm do meu coração remorsificado” (VIEIRA, 1987, p. 50).

Diante do exposto, podemos apreender que o romance *João Vêncio: os seus amores* é um emaranhado de fios e missangas, fios que se entrelaçam e se confundem. A história conduzida por João Vêncio se constitui como uma espécie de jogo, em que participam dois jogadores, o narrador e o narratário. No entanto, mesmo que haja uma ilusão de que ambos os jogadores conduzam o jogo juntos, é o narrador quem determina as regras. Desse modo, em um primeiro momento, podemos pensar que toda a história do personagem-narrador é uma invenção, afinal de contas, ele pode estar agindo como um ator em cena. Entretanto, tudo isso pode, simplesmente, fazer parte da estratégia do jogo de João Vêncio, que tenta confundir o seu interlocutor, fazendo o imaginar que os fatos narrados sejam fantasiados, evitando assim de ser julgado de maneira severa pelos seus atos. Pois, se tudo não passa de fingimento, não há porque condená-lo. Assim, se a história contada por João Vêncio é imaginada ou verdadeira, talvez nunca possamos responder. Parece que estamos diante de um jogo onde não há ganhadores ou perdedores, apenas indeterminações e incertezas.

Referências

- BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- COMPAGNON, Antoine. O leitor. In: **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: **A literatura e o leitor: textos da estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- VIEIRA, Luandino. **João Vêncio: os seus amores**. Lisboa: Edições 70, 1987.